

associação dos estudantes da faculdade de ciências de lisboa

27/11/72

OS ESTUDANTES DE CIÊNCIAS DECIDEM:

GREVE ÀS AULAS, até ao levantamento das suspensões, até à libertação dos colegas presos.



TORRE
DO
TOMBO

A Reunião Geral de Alunos de quinta-

dessa política.

feira revelou que a maioria dos estudantes de Ciências parece ter compreendido claramente, não só o verdadeiro significado das suspensões e prisões mas também o modo mais correcto e mais eficaz de nos opormos a elas, de, na prática, não permitirmos que elas consigam o objectivo que pretendem.

Ficou demonstrado, sem lugar para quaisquer dúvidas, aquilo que já havíamos afirmado - os estudantes de Ciências, na sua quase totalidade, repudiam as medidas que visam afastar alguns dos seus colegas da Faculdade. Mas só compreendendo as razões de fundo dessas medidas, o objectivo da actual política do Governo em relação ao movimento associativo (e ao movimento estudantil, em geral) poderemos ser verdadeiramente decididos na nossa resposta e consequentes na nossa luta.

Por isso o exemplar e já "famoso" discurso do sr. Costa André e as recentes palavras de dois deputados na Assembleia Nacional, por exemplo, são elementos preciosos sobre essa política governamental, sobre o modo como ela encara a repressão estudantil.

É pois muito importante que saibamos compreender a política do Governo e, em particular o papel do Conselho Escolar na aplicação

Tentando colocar esta questão mais claramente: se ainda pudésse haver dúvidas quanto à intencionalidade das medidas repressivas do Governo e do CE (em particular referimo-nos às prisões e às suspensões) poderíamos ser levados a pensar que se lhes mostrássemos o carácter anti-estudantil das suas atitudes, eles reconheceriam que os estudantes se sentem prejudicados por essas atitudes e não as aceitam e poderiam pensar em anulá-las.

Mas isto não se passa. A política do governo é marcada e intencionalmente anti-estudantil porque os estudantes não querem ter uma Universidade ao serviço dos exploradores, dos patrões que o governo tão esmeradamente defende. O movimento associativo é um movimento progressista e o governo procura, por todas as formas, aniquilá-lo, fechando as instalações associativas, prendendo estudantes, etc. Quanto ao CE nada mais é do que o representante dessa política dentro da Faculdade -- daí as suspensões, daí o mesmo propósito de expulsar os estudantes mais activos.

Por tudo isto não basta iniciarmos "manifestações de apoio" aos nossos colegas. Não basta afirmarmos que queremos os nossos colegas afastados, novamente dentro da Faculdade. Temos que tomar uma posição de força, alicerçada numa orga

de englobe muitas centenas de estudan-
or outras palavras: se compreendemos que
governo e, em particular, o CE não pretendem
recuar por sua própria iniciativa, então com-
preendemos também que a resposta às suas medi-
das repressivas está exclusivamente nas nossas
mãos. Se eles procuram a todo o custo afastar
alguns colegas nossos seremos nós, os estudan-
tes de Ciências, a suspender a Faculdade; sere-
mos nós, em massa, a não permitir o funciona-
mento das aulas e a organizarmo-nos para lhes
dar uma resposta firme e consequente.

E a força da nossa posição não está
só na decisão tomada de greve às aulas; está a
cima de tudo no cumprimento rigoroso dessa de-
cisão através da participação em massa, de to-
dos nós, nos piquetes de boicote, na informa-
ção, nos meetings, nas concentrações, etc.

Por tudo isto, nós consideramos que
a proposta aprovada na RCA foi, de facto, a de-
cisão mais correcta que poderíamos ter tomado.
Por isso afirmamos que os estudantes de Ciên-
cias compreendem cada vez melhor a actual situ-
ação da nossa escola e como se chegou a ela:

- por terem recusado, em massa, (ape-
nas um voto a favor) uma proposta de não se fa-
zer greve (nem se fazer nada) - que dispensa
qualquer comentários...

- por terem sabido recusar as propos-
tas de greves intermitentes que, neste momento
e apesar de tudo, não têm a força necessária
para obrigar as autoridades a recuar - e nós
já temos a experiência de que essa forma de lu-
ta, não obstante os resultados positivos que
trouxe, se mostrou insuficiente.

- por terem compreendido que não se-
ria correcto pôr a nossa decisão de greve de-
pendente da decisão do Plenário pois, muito em-
bora seja indiscutível o ataque generalizado

do Governo a todos os estudantes de Lisboa, es-
se ataque atinge maiores proporções em algumas
escolas (como é o nosso caso) e noutras só ago-
ra começaram as aulas e consequentemente o pri-
meiro contacto de centenas de novos alunos com
os problemas que nos afectam.

314

De qualquer modo, os estudantes de
Lisboa preparam agora a sua resposta generali-
zada e organizada pois não deveremos esquecer
que os processos disciplinares, as prisões de
dirigentes, etc não são um exclusivo de Ciênci-
as. E nesse sentido é correcto que também nós
apoiemos a luta dos estudantes das outras esco-
las e, por isso, os estudantes de Ciências a-
provaram quase por unanimidade uma moção de a-
poio aos colegas de Medicina.

A melhor prova de que a nossa deci-
são de greve às aulas com o conteúdo definido
na proposta aprovada é uma posição de força,
são as medidas que as autoridades utilizam pa-
ra impedir que a greve seja cumprida - medidas
que todos nós já conhecemos, desde a polícia e
controle à porta até às instruções aos profs e
contínuos de identificações e denúncias, etc.

A experiência mostrou-nos já que a
melhor forma de passarmos por cima dessas me-
didas e de não permitirmos que elas entrem na
nossa luta é a integração em massa dos estudan-
tes nos piquetes e a participação, também em
grande número, nos meetings, nas concentrações,
etc.

Nós já sabemos também que as autori-
dades, face a uma situação de força da nossa
parte, contam sempre com o nosso esmorecimento
contam sempre que o número de estudantes acti-
vos vá diminuído de dia para dia, de semana pa-
ra semana. Contra isto temos que nos precaver.
Nós não deveremos abrandar a nossa vigilância
no que diz respeito à manutenção da decisão de

teve nem à manutenção de uma forte organização que englobe, de facto, centenas de estudantes dispostos a integrar-se, diariamente, no trabalho associativo - em particular, nesta altura, nas tarefas que definimos como primordiais. E devemos estar atentos também às possíveis manobras do CE. Não devemos es-

quecer que exigimos a integração na Faculdade de todos os nossos colegas suspensos e a libertação dos nossos colegas presos - e não aceitaremos apenas a satisfação parcial dessas exigências; isto é não nos deixaremos enganar por uma atitude das autoridades do género "tomem lá qualquer coisa e agora callem-se!...".

COMO DEVEMOS ENCARAR A CONVOCACÃO DO CE E O ENVIO DO TELEGRAMA AO MI

Na última RGA os estudantes de Ciências decidiram convocar um CE, para lhe apresentar a proposta ali aprovada.

Não devemos entender isto como uma negociação. O CE é uma estrutura - representante do governo na Faculdade - que os estudantes já mostraram por várias vezes não aceitar.

Não pensemos que é com a convocação de um CE que alcançaremos os nossos objectivos.

É a experiência de anos passados que nos ensina que a melhor forma de fazer recuar o CE nas suas arbitrariedades é irmos junto dele e mostrarmos-lhe que lutaremos firmemente até conseguirmos o que temos vindo a exigir.

Isto impede, por um lado, que o CE se "dê ao luxo" de dizer que não está informado das nossas exigências (como no ano passado quando da época de Outubro) e obriga-o a dar uma resposta directa e clara das suas posições; por outro lado impede, que ao dirigir-nos isoladamente a cada um dos seus membros, estes nos digam que não é nada com eles, esquivando-se, assim, a dar uma resposta.

Quanto ao telegrama enviado ao MI, não é ele que vai, na prática, fazer com que os dirigentes presos sejam libertos, mas não devemos desprezar qualquer espécie de cobertura que, neste caso, é dada pela responsabilização colectiva dos estudantes pelas actividades da sua Direcção.

Ele vai reforçar que continuaremos a lutar pela libertação dos nossos dirigentes que não fizeram mais do que garantir o cumprimento das decisões tomadas colectivamente por nós. Isto comprova-o o facto de estarem em Caxias há mais de um mês sem acusação formada.

COMO DEVEMOS TRATAR OS FURAS

Durante a luta que temos vindo a travar, contra o assassinato de Ribeiro Santos e contra todas as medidas a que as autoridades recorreram para aniquilar essa luta, verificamos, que em Ciências, alguns estudantes tomaram posições erradas, não se submetendo às decisões tomadas nas reuniões de estudantes (Plenários, RGAs, etc)

Como perceber isto?

A situação de Ciências era na realidade um caso particular.

Sem exames de Outubro e sem aulas, os estudantes não apareciam na Faculdade e estavam muito mal informados de todos os acontecimentos.

Por isso, quando se iniciaram as aulas, eles opuseram resistência à decisão de greve tomada no Plenário.

Coube então aos piquetes de informação (dos quais faziam parte aqueles estudantes que tinham participado na luta até aí) realizar um trabalho de esclarecimento sobre a justiça da greve e a necessidade de a garantir.

Mas porque houve certos erros na actuação dos piquetes (não no que diz respeito às



TORRE
TOMBO

decisões que estavam a fazer cumprir, mas sim à maneira como explicavam isso) eles não conseguiram ganhar desde logo o apoio da grande maioria dos estudantes e ficaram até isolados, expondo-se à repressão das autoridades. Assim estas tiveram o seu trabalho facilitado quando resolveram suspender arbitrariamente alguns estudantes, acusando-os de "interromper aulas".

A crítica feita a esses erros permitiu corrigi-los e a partir daí souberam os piquetes actuar muito mais correctamente.

Verificou-se então que muitos estudantes que ainda não tinham sido esclarecidos da justiça da luta contra o assassinio começaram a achá-la mesmo justa e dispuseram-se a participar activamente nela.

Consequentemente estes estudantes mobilizaram-se também contra as prisões e as suspensões porque perceberam que elas tinham sido motivadas por posições correctas tomadas pelos colegas atingidos.

Em particular, os colegas do 1º ano começaram a perceber a maneira como se tomam decisões e a necessidade de as cumprir..

Assim aqueles que, em princípio, por duvidarem de que a greve fosse a forma mais eficaz de continuar a luta, pensavam "quem quiser ir às aulas vai, quem não quiser não vai" viram a incorrecção de não se submeterem às decisões da maioria, só por não concordarem e corrigiram tal atitude.

Encontramo-nos agora numa situação totalmente diferente: só meia dúzia de estudantes insiste em ir às aulas e faz todos os esforços nesse sentido.

Quem são eles?

- Não são estudantes mal esclarecidos da zona da nossa luta.

- Não são estudantes mal esclarecidos da posição que devem adoptar perante uma decisão colectiva - a de se submeterem a ela, concordem ou não-.

- São aqueles que afirmam que são furas, que concordam plenamente com as medidas repressivas das autoridades ou então que, egoístamente, tomam a atitude de as ignorar, pondo acima de tudo o seu interesse pessoal de ir às aulas.

Qualquer destas posições traduz-se num apoio às medidas repressivas do governo dentro da Universidade e portanto num boicote sistemático à luta dos estudantes contra essas arbitrariedades.

Especificando melhor: ir às aulas quando há uma decisão de greve é estar a tirar força a essa forma de luta e é portanto estar a diminuir as nossas possibilidades de fazer recuar as autoridades na posição que tomaram.

Além disso é estar a prejudicar todos os colegas que cumprem a decisão de greve, porque forçam os professores a dar aulas (que não dariam se não houvesse alunos).

Esta última consequência leva ao mesmo a primeira porque vai fazer alguns estudantes hesitarem no cumprimento da greve quando vêem que continuam a funcionar aulas e que estão a perder a explicação da matéria; assim diminui cada vez mais a força da greve.

Que fazer face aos furas?

Não restam dúvidas que precisamos impedirlos de continuar com tais atitudes; assim como lutamos contra as tentativas das autoridades de esmagar a nossa luta, é necessário lutar também contra as mesmas tentativas por parte dos furas.

Porque as autoridades impõem as suas posições pela força, fácil nos é ver que só pela força as faremos recuar.

Agora quanto aos furas, surgem-nos por vezes dúvidas sobre o modo de os neutralizar. Analisemos então como eles actuam:

Não tentam eles impôr a sua posição minoritária, sobrepondo-se aos interesses da maioria dos estudantes? Não se aliam eles à violência dos assassinos e de toda a polícia que o governo mantém?

Eles estão efectivamente numa posição de força e por isso, também só pela força os isolaremos. Sob pena de os deixarmos prejudicarmos a todos, temos que os impedir de actuar livremente, mesmo que isso implique recorrer à força física.

A violência não se deve condenar em abstrato. Condena-se a violência usada para impôr idéias injustas, mas defende-se a violência que visa impedir uma minoria de se sobrepor à maioria.

Para muitos de nós isto é um problema novo. Vejamos então como aplicar isto aos furas.

Se um fura está numa aula nós devemos convencê-lo a sair. E caso não saia, tirá-lo de dentro da sala.

Mas quando esse fura tem aula à porta fechada, quando faz exame a coberto das forças policiais é ou não justo que lhe demos o merecido tratamento?

Se o não fizermos ele continuará a esconder-se na polícia e assim a boicotar a nossa luta.

Os estudantes não são contra a violência em abstrato: eles defendem a violência da maioria que se opõe à violência da minoria.

Os exemplos do Técnico e Medicina

Quando, no ano passado, os estudantes do Técnico decidiram boicotar os exames como forma de luta pela reabertura da sua Associação, alguns estudantes, sob a protecção da polícia, que controlava as entradas, fizeram exame.

Os estudantes reunidos em RGA decidiram expulsá-los de sócios da Associação e de todas as reuniões associativas.

Este ano, quando se realizava uma RGA de apoio à luta de Ciências e Medicina, compareceram estes sujeitos na RGA decididos a boicotá-la e acompanhados de "amigalhões" da lei e de outras corporações...

Explicado o seu procedimento anterior, aos colegas que no ano passado não tinham frequentado o Técnico, votou-se depois qual a atitude a tomar.

Os estudantes decidiram reafirmar a decisão já tomada e exigiram-lhes que saíssem.

Eles recusaram-se e opuseram-se pela força à tal decisão. Mas os estudantes do Técnico mantiveram-se firmes e não recuaram perante a necessidade de os expulsar da sala à porrada.

Em Medicina, entre 827 alunos de uma cadeira, houve 9 que furaram o boicote a exames

presença de 12 carrinhas da polícia, de gol-
fistas, de um carro de água e demais aparato.

Os estudantes de Medicina têm denun-
ciado tal atitude, divulgando os nomes de tais
indivíduos e pintando alguns de "amarelo".

Quando um colega se encontrava a fa-
zer um cartaz com o nome dos furas, um deles -
a Olga - apareceu na sala de Alunos e depois
de ter dito que o seu nome estava incompleto
no cartaz atirou-se para o chão fazendo enorme
gritaria.

Só se acabou quando o namorado a le-
vantou e levou ao banco do hospital. Aí come-
çou a queixar-se de "braços partidos" e "le-
sões no baço", etc.

Se ninguém lhe tocou (embora isso
fosse correcto por ser fura) que é que ela que-
ria?

Queria ganhar cobertura para as suas
atitudes de fura, armando-se em vítima e procu-
rando apoiar-se naqueles estudantes que estão
menos esclarecidos acerca da necessidade de
dar aos furas o tratamento que merecem e por-
tanto se insurgem à priori contra o uso da for-
ça física mesmo que seja para defender posi-
ções correctas.

NOTÍCIAS DE MEDICINA

Após o levantamento, em RGA, da greve decidida em Plenário, os estudantes do 1º e 2º ano
de Medicina, realizaram reuniões de curso para elaborar os mapas de exame. Como alguns profes-
sores não aceitassem as datas propostas, decidiram os estudantes boicotar os exames até que
as datas que eles escolheram fossem aceites.

O CE marcou uma data limite para o fim dos exames que depois adiou por 5 dias ao ver que
os boicotes estavam a 100%. Os estudantes não aceitaram esta chantagem e continuaram a exigir
as datas de exame sem limite final e de acordo com o que decidiram.

Perante esta firme posição e uma vez que os restantes anos estavam a boicotar as aulas
como forma de apoio a esta luta, o CE faz sair 2 processos disciplinares com suspensão preven-
tiva. Depois chama a polícia e os gorilhões e marca exames para o Estádio Universitário. Também
esta manobra não resultou. Os exames foram boicotados e com um número desprezável de furos
(ex. em 720 alunos de uma cadeira há 9 furos)

Neste momento não há qualquer exame marcado para os 2 primeiros anos e continua a greve
às aulas nos restantes anos.

AS DECISÕES DE PLENÁRIO

Na sexta-feira, 24, os estudantes de
Lisboa reuniram-se em Plenário na faculdade de
Medicina, apesar dos entraves que as autorida-
des apresentaram como foi o fecho do Técnico,
local primeiramente previsto para a reunião e
um apertado policiamento, com a polícia de cho-
que de prevenção em vários pontos da cidade.

Em face de uma ofensiva repressiva
de grande envergadura que se traduziu primeiro
pela prisão de estudantes de várias escolas e
que depois se acentuou, particularmente em Ci-
ências e Medicina, com a suspensão e instaura-
ção de processos disciplinares a colegas nos-
sos e que presentemente se começa de novo a a-
largar a todas as escolas, os estudantes viram
que só com uma resposta generalizada e comum
de toda a Academia de Lisboa poderiam fazer re-
cuar a repressão.

Deste modo os colegas de várias esco-
las ainda não atingidas pela actual ofensiva
repressiva em vez de apenas se solidarizarem
por palavras com a nossa luta e a de Medicina,

viram que um ataque que fazia perigar o movi-
mento associativo em todas as escolas apesar
de numas se acentuar mais devido a condições
internas afectava todos os estudantes e que,
portanto, deveria ser unidos que teríamos que
responder à repressão.

E assim passaram à acção aceitando
formas de luta activas, como as da proposta a
provada, mostrando firmemente que também eles
não permitirão que um governo assassino atra-
vés dos seus lacaios (CEs, polícia, &) pren-
dam, torturem e impeçam de entrar na Faculda-
de colegas que sempre puseram os interesses
colectivos acima dos seus interesses pessoais.

Esta é uma perspectiva correcta que
devemos tomar como exemplo. Se a repressão re-
cuar em Ciências mas avançar noutras escolas,
isso não quer dizer que o M. A. em Ciências
possa estar descansado por uns tempos. Isso
quer é dizer que a repressão mudou o seu pon-
to fulcral e partindo de outras escolas vai,
de novo, tentar aniquilar o movimento associa-

vivo em Lisboa. E portanto devemos lutar para que tal não suceda pois não sã os interesses dos estudantes de certas escolas estarão em perigo, mas sim os de todos nã.

As decisães tomadas no Plenãrio de sexta-feira foram as seguintes:

" Os estudantes do Técnico reunidos em RGA apresentam aos estudantes de Lisboa reunidos em Plenãrio as seguintes propostas:

PROPOSTA 1 -

Repudiam todo o aproveitamento oportunista e reformista que possa sair de uma possível R.N.D. e durante a Tomada da Bastilha, que não corresponda à actual fase de luta estudantil. Quaisquer propostas e documentos representativos do M.A. português têm que ser amplamente difundidas e discutidas em

tre os estudantes.

Ratificam a convocação de todos os estudantes para a Tomada da Bastilha no sentido de aã desenvolverem um efecivo controle sobre os possíveis aproveitamentos atrás citados.

PROPOSTA 2 -

Realizar greve geral nas escolas já em luta e greves intermitentes nas escolas onde se está a arrancar o processo.

Convocar outro Plenãrio para quarta-feira, apontando já como uma das propostas a ser apresentadas nesse plenãrio a de greve geral em toda a Academia.

Realizar RGAs na terça-feira em todas as escolas, que se debrucem sobre as propostas a apresentar ao plenãrio. "

DEM DIARIAMENTE A FACULDADE
INTEGRA-TE NOS PIQUETES
PARTICIPA NAS REUNIÕES
DE DISCUSSÃO



TORRE
TOMBO